



ARTE & COGNIÇÃO

CORPOMÍDIA, COMUNICAÇÃO, POLÍTICA

HELENA KATZ
CHRISTINE GREINER
(ORGANIZADORAS)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Juliana Farias Motta CRB7- 5880

A786 Arte e cognição / Organização Helena Katz; Christine Greiner.
São Paulo: Annablume, 2015.

280 p.; 14 x 21 cm. (Leituras do Corpo)
Vários autores.

ISBN: 978-85-391-0733-9

1. Dança. 2. Corpo humano. 3. Percepção. 4. Comunicação e semiótica.
I. Arte e cognição. II. Título: corpomídia, comunicação, política.

CDD 700

Índice para catálogo sistemático:

1. Dança.
2. Corpo humano.
3. Percepção.
4. Comunicação e semiótica.

ARTE & COGNIÇÃO:
CORPOMÍDIA, COMUNICAÇÃO, POLÍTICA

Capa

Jeferson Santiago de França

Imagem de Capa

Horizontal tree; Piet Mondrian

Projeto e Produção

Coletivo Gráfico Annablume

Annablume Editora

Área Corpo, Sexualidades e Políticas da Multidão

Conselho Científico

Bárbara Szaniecki

Christine Greiner

Giuseppe Cocco

Homero Silveira Santiago

José Neves

Luis Quintais

Richard Miskolci

1ª edição: julho de 2015

© Helena Katz /Christine Greiner

Annablume Editora

Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 554, Pinheiros

05415-020 São Paulo . SP . Brasil

Teleendas: (11) 3539-0225 – Tel.: (11) 3539-0226

www.annablume.com.br

Apresentação

Em busca de uma epistemologia indisciplinar

Há mais de duas décadas, vem sendo construída uma teoria que tem sido chamada Teoria Corpomídia. A sua principal característica é consolidar uma epistemologia indisciplinar, que conecta vários campos do saber, para lidar com o corpo. O modo como isso acontece (de certa forma, ela é também uma Teoria do Acontecimento¹), tem muito a ver com o percurso de suas autoras. Helena Katz começou a atuar como crítica de dança em 1977, escrevendo para os principais jornais da cidade de São Paulo; e Christine Greiner, como editora da revista Dançar, na década de 1980. Por isso, os primeiros estudos do corpo de ambas emergiram de um conhecimento compartilhado a partir da dança. Em 1986, Helena criou o Núcleo de Dança, hoje conhecido como CED (Centro

1. Acontecimento como surgimento do diferente, do novo, que permanece sempre aberto, como propõe François Dosse (2013).

de Estudos em Dança-CED), fortalecendo-o de maneira itinerante (da sala de sua casa, para a de outras casas, para o Espaço de Dança Ruth Rachou, para a FUNARTE e, desde 1994, na PUC-SP).

Ao longo deste percurso, a parceria foi se firmando e o fortalecimento da teoria foi sendo tecido na convivência como professoras no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Os inícios ficam estabelecidos na tese de doutorado de Helena, *Um, dois, três ... a dança é o pensamento do corpo* (1994), na dissertação de mestrado *O Teatro Nô no Ocidente* (1991) e na tese de doutorado *Butô, pensamento em evolução* (1997), de Christine.

Além de artistas da dança, o Centro de Estudos da Dança-CED passou a agregar também pesquisadores acadêmicos da área da comunicação (jornalistas, fotógrafos, produtores culturais, estudiosos da moda etc). Em 1999, com Haroldo de Campos, Christine cria o Centro de Estudos Orientais, propondo novas redes de discussão com pesquisadores interessados no trânsito entre Oriente-Occidente, a partir de experiências diversas ligadas não apenas à dança, mas ao teatro, ao cinema, a moda, a cultura pop, as artes visuais etc.

A Teoria Corpomídia nutriu-se da confluência desses estudos. Como foi gestada na área da Comunicação, a sua nomeação teve como ponto de partida a necessidade de afirmar a importância das discussões do corpo não apenas na mídia (corpo na publicidade, corpo na televisão, etc) mas a de propô-lo, ele mesmo, como uma mídia, um corpomídia. E porque carrega o conceito de mídia no seu

nome, precisa logo esclarecer de que mídia está falando, para evitar possíveis malentendidos e equívocos. Não trata mídia como um meio de comunicação que processa informações. Quando se fala corpomídia, o corpo não pode ser aceito como um processador por, pelo menos, dois motivos básicos:

- 1) quando informação e corpo se encostam, a informação se transforma em corpo em tempo real. No corpo, a comunicação nega o modelo hegemônico das Teorias da Comunicação, aquele que assegura que tudo ocorre por input-processamento-output e se realiza entre emissor-meio-receptor. O corpo encontra a informação e ela se transforma em corpo, modificando-se. E nada é preservado pois tudo é fluxo, tudo é acontecimento. Além disso, é importante entender que, neste viés, emissor e receptor não estão separados pelo meio/veículo/canal onde ocorre o processamento da informação.
- 2) o corpo não é um processador porque processadores não mudam de forma quando lidam com as informações com as quais se relacionam. Uma televisão não brilha mais ou menos quando noticia uma bomba matando civis no Egito ou o nascimento de um urso panda no zoológico. Um liquidificador não altera a sua aparência quando processa uma sopa de batata ou um milk shake. Mas o corpo, sim, se transforma em acordo com o tipo de informação com o qual lida justamente porque a transforma em corpo.

A Teoria Corpomídia conjuga diversos afluentes teóricos para explicar um corpo que nunca se apronta – e esse argumento evolucionista de não completude é o que a distingue de tantas outras teorias que abordam nomeações semelhantes. Dentre os saberes que convoca estão as teorias da comunicação, a biopolítica, a teoria evolucionista darwiniana, a filosofia da mente, a arte e a semiótica desenvolvida por Charles Sanders Peirce (1839-1914). Está distante de outras concepções, como a da semiótica da cultura de extração alemã, na qual o pesquisador Harry Pross (1923-2010), um dos seus principais expoentes, reconhece a existência de uma mídia primária (o corpo), uma mídia secundária (na qual é necessário um suporte como a imagem, a escrita, o impresso, a gravura, a fotografia, máscaras, pinturas corporais, moda etc) e uma outra, terciária (quando há aparatos ou ferramentas entre emissor, mundo e receptor como o computador, o telefone, o cinema, a televisão, dvds etc). Divergindo desta proposição, que considera as três mídias na comunicação humana, o conceito de corpomídia, além de se aplicar a todo e qualquer corpo (vivo e não-vivo, humano e não-humano), recusa o entendimento dualista de corpo como suporte, aproximando-se das noções de organismo ecológico de Mark Johnson e de corpomente superdistendidos, como propõe Andy Clark.

We are thinking beings whose nature *qua* thinking beings is not accidentally but profoundly and continuously informed by our existence as physically em-

bodied, and as socially and technologically embedded, organisms (Clark, 2008, p. 217).

There is no body without an environment, no body without the ongoing flow of organism-environment interaction that defines our realities. Once again, the trick is to avoid the dualism of organism *and* environment, a dualism that falsely assumes the existence of two independent entities, each bringing its own structure and preestablished identity into the interactions. Instead, we must think of organism (or body) and environment in the same way that we must think of mind and body, as aspects of one continuous process (Johnson, 2007, p. 276).

Nos últimos dez anos, a compreensão de que o fluxo corpo-ambiente representava uma conexão política tornou-se mais explícita, sobretudo a partir das pontes epistemológicas feitas com autores como Michel Foucault, Giorgio Agamben, Roberto Espósito, Paolo Virno e Antonio Negri, entre outros. Tais bibliografias mostraram que não apenas o corpo (corpomídia) é distendido nos artefatos que cognitivamente materializa como corpo, mas também nos dispositivos de poder (práticas discursivas e não discursivas, crenças, hábitos, padrões de movimento, espacialidades e assim por diante) - evenciando que a contaminação que rege o enredamento corpo-ambiente se propaga em todas as direções.

Outro traço fundamental da teoria corpomídia é o fato de ser pensada coletivamente. Como explica Paolo Virno (2013), lembrando Gilbert Simondon, junto com o “eu falo”, há sempre um “fala-se”. Trata-se de uma fase

pré-individual que desestabiliza e, ao mesmo tempo, fortalece a singularidade. Quando essa singularidade é a singularidade dos muitos (a *multidão* estudada por Antonio Negri e Michael Hardt), torna-se ainda mais potente.

Por isso, esse livro reúne algumas dessas muitas vozes que vêm pesquisando as pontes indisciplinadas das quais Katz e Greiner têm falado (coletivamente) nos últimos vinte anos. A maioria das pesquisadoras incluídas nesse volume estudaram na PUC-SP, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica. Hoje, seguem seus próprios caminhos como professoras em diferentes estados do Brasil, como pode ser observado no mini currículo de cada autora ao final do livro. Monica Ribeiro fez seu doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, tendo uma breve passagem com bolsa-sanduíche na PUC, sendo co-orientada por Christine. A sua presença torna-se assim, fundamental nessa coletânea, mostrando como algumas estratégias cognitivas reverberam de forma não hierárquica, sinalizando a vitalidade e a afecção de alguns pensamentos.

As culturas bibliográficas costumam delimitar territórios e bloqueiam o acesso de estrangeiros a seus domínios. Como já escrevemos em outros ensaios (Katz e Greiner 2001, 2003, 2005), consideramos insustentável a demarcação de geografias epistemológicas não permeáveis às contaminações culturais. Por isso, e para que o campo da comunicação se constitua como aquele que se debruça sobre os vínculos humanos (Sodré, 2002), investigamos o corpo a partir de uma lógica nascida das conexões. Partimos da hipótese de que a comunicação se forja no modelo

de relacionamento presa-predador, não reduz o corpo a seus produtos nem tampouco aos resultados de sua atuação no mundo (mensagens, significações, artefatos).

O mais frequente, quando o assunto é o corpo humano, tem sido começar por Descartes e suas duas res (extensa, a máquina física reflexa, e pensante, a máquina cognitiva não-física). Porém, explicações para o funcionamento do corpo humano que se apoiam numa estrutura dualista de argumentação datam de muito antes dele. Platão (428 - 348 a.C), por exemplo, formulou uma que atravessou todos os séculos e algo dela ainda sobrevive entre nós. Quando diz, no *Phaedrus*, que a essência da alma é gerar movimento, trata o corpo como aquilo que precisa de algo que não contém para se tornar vivo e humano. A sua proposta consolida a ideia de que o movimento necessita ser ativado, seja a partir de uma fonte interna ou não. E estabelece que só pode ser considerado vivo o corpo movido pela força interna (com o que nomeia de alma), ela, sim, imortal. Quanto ao corpo que se move por ação de uma fonte externa, como não tem alma, não pode ser considerado vivo nem humano.

Nossas pesquisas insistem em uma perspectiva que descarta todas as formas de entendimento do corpo como o de um recipiente no qual se despejam conteúdos para apresentá-lo como um resultado sempre transitório dos processos de coevolução que pautam a vida na Terra. A coleção de informações que dá nascimento ao corpo humano o faz quando se organiza como uma mídia dos processos sempre em curso desta organização – daí a transitoriedade da sua forma. Por isso, olhar o

corpo representa sempre olhar o ambiente que constitui a sua materialidade. O verbo precisa estar no presente (constitui) para dar ênfase ao caráter processual dessas operações, em fluxo inestancável, que fazem descer na enxurrada que a sua argumentação teórica promove, as antigas separações entre natureza e cultura.

Como pode ser observado em todos os ensaios incluídos neste livro, a questão do movimento se mostra crucial quando o assunto é corpo. Todavia, estivemos sempre tão absorvidos pela aceitação dos cinco sentidos como o teste central do que nos cerca que não nos demos conta de que faltava arrolar o movimento nesse mesmo conjunto de características do corpo humano. “Para colocar como J.J.Gibson alguns anos atrás, é preciso se mover para poder perceber, mas também perceber para poder se movimentar” (Ginsburg, 2001, p. 70).

Somos tão treinados nas diversas formas que o Ocidente encontrou para manifestar que corpo e mente são separados que, por cerca de 25 séculos, tal proposta passou a ser tomada quase como um universal da cultura. Detidos nela, não demos ênfase suficiente ao fato de que não existe corpo universal e tampouco à questão do movimento na constituição desse corpo como humano.

De todos os modelos de comunicação, o mais popular continua sendo o modelo emissor-receptor, originário da Teoria da Informação dos anos 1940 (Shannon et Weaver, 1945; Winner, 1954). Mas desde que McLuhan publicou, em 1964, o livro que em poucas semanas se tornaria a Sagrada Escritura da área, *Understanding Media:*

The Extensions of Man, ficou claro que para falar de comunicação, em algum momento seria indispensável falar no sistema nervoso. Quando postulou que o meio é a mensagem (“*The medium is the message*”, título do seu Capítulo 1) e que nós damos forma às nossas ferramentas e, então, elas nos moldam (“we shape our tools, and therefore our tools shape us”), abriu caminho para que toda uma área de investigação que tomaria vulto duas décadas depois, e que se nomearia de “embodiment”¹, encontrasse abrigo entre os estudiosos da comunicação. Esse coletivo de pesquisadores não discute se corpo e mente são uma única ou duas substâncias distintas porque assumiu que para investigar o corpo faria das descobertas empíricas as suas hipóteses. Para eles, a razão é dependente do que acontece ao corpo e esse corpo, seu cérebro e as interações com o ambiente, fornecem as bases para a comunicação.

Ao final dos anos 1980, formou-se no International Computer Science Institute (ICSI), em Berkeley, um grupo de pesquisa conexionista intitulado Neural Theory of Language (NTL), uma colaboração entre Jerome Feldman, George Lakoff e seus alunos. O objetivo era explicar como se dá o aprendizado e o uso de conceitos e da linguagem. Que os neurônios se tornassem os instrumentos para a construção de um modelo, foi mera consequência. Que atestou que são mecanismos neurais que nos levam a perceber, se mover, sentir, bem como projetar teorias e filosofias, assim como experiências espirituais.

Quando Francisco Varela propôs o sistema imunológico como paradigma para o conhecimento dos pro-

cessos cognitivos do corpo (1994), chamou a atenção para o fato dos discursos sobre imunologia terem sido dominados pelas metáforas militares (defesa do corpo, ataque de antígenos, etc), e aqueles sobre a cognição terem tomado o computador como modelo. Para cumprir a sua função, que é a de manter a integridade corpórea do sujeito, o sistema imunológico deve ser capaz de reconhecer diferentes moléculas, inclusive aquelas que nunca viu antes e, para conseguir fazer isso, precisa ter memória. A descrição dessas operações, até bem recentemente, se utilizava da Teoria da Informação para descrever a informação como vinda de fora e sendo recebida pelo corpo que, quando reagia adequadamente, produzia anticorpos (modelo input/output).

Hoje se sabe que nosso corpo não funciona por reconhecimento dual entre anticorpo e antígeno. Nós carregamos um repertório de anticorpos, permanente em nós, criado antes de qualquer confronto com antígenos externos (como se vê, as velhas noções muito apartadas uma da outra, de dentro e fora, foram totalmente instabilizadas). Quando mantidos em níveis normais de circulação, tais antígenos não nos fazem mal. E mais: organismos não expostos a antígenos também desenvolvem sistemas imunológicos eficientes. Estas descobertas, datadas de meados dos anos 1970 (N. Jerne, 1974), levaram a uma mudança fundamental: a admissão de que o processo de reconhecimento se dá em rede e com as mesmas regras de qualquer outra rede. “Isso significa que os efeitos de um antígeno que adentra, como em qualquer perturbação numa rede rica, variará e dependerá do contexto daquela rede” (Varela, 1994: 281).

Assim, de sistema defensivo que reage a ataques do exterior, o sistema imunológico passou a ser tratado como o que estabelece uma estrutura molecular. É ele quem garante a nossa singularidade plástica e em permanente transformação. Ou seja, tomando-se o papel do sistema imunológico como a metáfora do modo como o corpo funciona, fica-se fora do tratamento dual emissor-receptor.

Há que se considerar ainda, outra característica central quando se estuda corpo: não há nenhum conhecimento formulado na linguagem que não tenha sido experienciado no corpo.

Living systems must categorize. Since we are neural beings, our categories are formed through our embodiment. What that means is that the categories we form are *part of our experience!* They are the structures that differentiate aspects of our experience into discernible kinds. Categorization is thus not a purely intellectual matter, occurring after the fact of experience. Rather, the informations and the use of categories is the stuff of experience. Is is part of what our bodies and brains are constantly engaged in

(Lakoff and Johnson, 1999, p. 19).

Como se sabe, todo processo de comunicação pressupõe a existência da diferença. É preciso ser capaz de reconhecer um “outro”, existir algo que se destaque em um ambiente de iguais para que a comunicação se estabeleça. Mesmo a mais básica das trocas de energia e/ou informação só acontece fora da homogeneidade

plena. O tempo também desempenha um papel fundamental na identificação e no surgimento das diferenças. E quando aparece em movimento (fluxo) já anuncia a possibilidade do outro, porque todo sinal que ocorre em diferentes tempos (fluxo que não estanca) se modifica. (Llinás 2002: 250).

Se isso acontece em relação ao corpo e as informações do mundo, o mesmo vale para as teorias. O movimento de antecipação e reconstrução no território epistemológico envolve ações que, a partir dos novos observadores e seus ambientes, atualizam o que o crítico de arte Hal Foster (1996) chama de conexões latentes. Formalizações matemáticas, assim como primórdios da linguagem, são o resultado de comportamentos criativos inestancavelmente recodificados em função dos processos de comunicação que anunciam. O reconhecimento do corpomídia resulta numa investigação que não pode desprezar a importância do conhecimento da sua constituição como corpo, em termos evolutivos. Neste campo de enfrentamentos, o fluxo é inestancável. O mais emocionante desta operação é quando as vozes se multiplicam. São as redes cognitivas que alimentam as teorias, uma vez que elas não se sustentam abstraídas da vida.

Tal compreensão da comunicação entre teoria e prática norteou a organização deste livro. Na primeira parte, são reunidas pesquisas que nasceram sob a forma de teses de doutorado. Alguns autores citados nesta breve introdução reincidentem nas pesquisas. No entanto, tendo em vista os contextos onde estas vêm sendo testadas e as pontes propostas, tornam-se absolutamente

singulares. Na segunda parte, são incluídos dois ensaios escritos pelas organizadoras dessa coletânea, apontando para conexões cada vez mais explicitamente políticas do pensamento corpomídia.

Em uma entrevista concedida a Pascal Gielen e Sonja Lavaert (2011), Antonio Negri afirma que não há vida sem significado político, e isso o levou a concluir que, provavelmente, também não existe arte sem significado político. Poderíamos acrescentar que comunicação, arte e vida se politizam quando se assume o compromisso de investigá-las na perspectiva do corpomídia.

HELENA KATZ
CHRISTINE GREINER

Referências bibliográficas:

- CLARK, Andy. *Mindware: an introduction to the philosophy of cognitive science*. New York: Oxford University Press, 2001. 210 p.
- JOHNSON, M. *The Body in the Mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh, The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. Basic Books, 1999.